

NEGÓCIOS // “Conversa ao pequeno almoço” na sede da AEP

«Colaboração é a palavra chave» para promover e potenciar a região Galiza-Norte de Portugal

▷▷ A nova sessão do Ciclo de “pequeno almoço” realizou-se na sede AEP, em Matosinhos, no passado dia 22 de setembro.



A colaboração em rede entre entidades locais e organismos europeus foi o tema da “conversa ao pequeno-almoço” que, numa organização conjunta, a Associação Empresarial de Portugal (AEP), a Enterprise Europe Network (EEN) e a Rede Mundo Atlântico (RMA), associação de empresários com origem na Galiza, promoveram no passado dia 22 de setembro.

A sessão contou com a presença de Luís Miguel Ribeiro e Paulo Vaz, respetivamente, presidente e administrador da AEP; Céu Filipe, Diretora de Inovação da EEN; de Mariano Gómez-Ulla, presidente da RMA, e de José Manuel Baltar Blanco, presidente da Deputación Provincial de Ourense e da associação Partenalía,

associação europeia de governos provinciais (formada por autarquias locais intermédias de países europeus) e ainda com cerca de vinte empresários de diversas áreas, interessados no tema.

Segundo Luís Miguel Ribeiro, «momentos como este são de facto momentos de afirmação e são sinal de que estamos a defender os interesses dos nossos empresários, a contribuir para a criação de riqueza, criação de emprego e para voltarmos a ter uma economia dinâmica, que se continue a afirmar», acrescentando ainda o presidente da AEP «Estamos numa fase em que é importante criar novas ideias, desenvolvermos novos projetos, prepararmos formas de contri-

buir para fortalecer esta relação e esta cooperação indo buscar os recursos que nos serão disponibilizados nestes programas europeus».

A nível das Smart Discussions, José Manuel Baltar Blanco, que também foi o orador principal da sessão, começou por dizer que «a colaboração é a palavra chave deste encontro», uma vez que um dos principais objetivos é o aproveitamento do forte potencial da região transfronteiriça Galiza – Norte de Portugal para promover o crescimento de ambas as regiões». Como presidente da Deputación Provincial de Ourense, José Blanco refere variadíssimas oportunidades que se abrem, contudo vê no formalismo «uma oportunidade de

negócio importantíssima», uma vez que a sua província «tem uma excelente gastronomia, tem parques naturais, património arquitetónico, cultural e não há outro país na Europa com o potencial termal, as águas medicinais, como este», acreditando «no papel importantíssimo do norte de Portugal, neste sector e em outros, e nas sinergias que se podem desenvolver entre ambas as regiões». Considera ainda, a digitalização do turismo como um projeto europeu que deve ser dinamizado nesta zona. Isto permitirá «pôr em marcha o turismo à carta, ou seja, um turismo mais personalizado».

De lembrar que o fundo europeu “Interreg Europe”, direcionado para a ajuda aos governos regionais e locais em toda a Europa visa desenvolver e implementar políticas melhores, criar um ambiente e oportunidades para partilhar soluções e para a aprendizagem política. Este apoio, como refere José Manuel Baltar Blanco, «ajuda a desenvolver e executar projetos, de modo a criar emprego. Também o “Next Generation”, surge como um instrumento temporário de recuperação no valor de mais de 800 mil milhões de euros destinado a ajudar a reparar os danos económicos e sociais imediatos

provocados pela pandemia da Covid-19, que deve ser aproveitado».

Por sua vez, Céu Filipe na apresentação desta iniciativa refere «estamos no início de um novo Quadro Plurianual de Apoio Financeiro – 2021/2027 o qual marca também um novo ciclo de oportunidades de financiamento. Novas ideias, novos projetos e novas tecnologias poderão beneficiar das múltiplas oportunidades que nos serão disponibilizadas ao longo dos próximos sete anos. Para isso, é necessário que nos organizemos, que criemos parcerias de colaboração inteligentes, capazes de responder de forma robusta aos desafios que os fundos europeus nos estão já a propor». A Diretora de inovação da EEN adita ainda que «acreditamos que iniciativas como esta tem todo o potencial para criar novas relações entre empresas, autoridades regionais e entidades chave do sistema científico e tecnológico aproveitando assim o forte potencial que a proximidade, por um lado, e o carácter internacional que a Região Transfronteiriça Galiza-Norte de Portugal encerra para promover e potenciar o crescimento de ambas as regiões».

Opinião

LUÍS
MAMEDE*



Ampulheta eleitoral

Enquanto não sentimos o ressoar do pântano pós-Merkel, vamos deixando entreter por negacionistas e outros malabaristas de opinião pública. Entre péssimas escolhas para os combates autárquicos, muitas delas levadas a cabo pelas cúpulas dos partidos - critérios inquinados e argumentos cacicados – há factos irrefutáveis. Em atos eleitorais só há um vencedor e face à proliferação de candidaturas que engordam as escolhas, não se entende o aumento da abstenção.

Se é mais entendível o argumento da ausência de entrosamento e proximidade com a eleição para o parlamento europeu, as presidenciais já se ressentem nessa geometria analítica, parece bizarro os contornos da mancha de afastamento dos eleitorais às eleições autárquicas. Afinal os candidatos estão próximos e muitos de nós lhe reconhecemos traços e partilhamos slogans. O desfasamento em realidade e ficção, onde as candidaturas se situam, parece crescente e todos eles parecem forçar o enterrar da cabeça para não ver os efeitos a prazo. As reformas do sistema eleitoral teimam em não ser feitas, a bem das elites e poderes de escolhas dos próximos para cargos do erário público, a par do alheamento e desconfiguração do eleitoral para as causas da vida coletiva. Até lá os poderes instalados esticam a corda e os oposi-

tores limam táticas de imitação viçadas.

No passado domingo e apesar de todas as leituras possíveis e feitas a preceito, há dados que não alimentam as acrobacias da intoxicação coletiva. No somatório dos resultados locais, o PS venceu as eleições com 34%, o PSD, ora só, ora coligado, ficou-se pelos 24% e abstenção rondou os 46% (quase metade dos eleitorais não votaram), a CDU esfumou-se, o Chega encenou e o BE provou a inadequação à esfera local. Mesmo assim, todos cantaram vitórias e apesar dos enviesamentos de leituras nacionais, houve quem se apropriou e queimou, a prazo, os opositores de garras afiadas. Na contabilidade distrital, o Porto acentuou a magnitude de vitória para o PS (41%) contra os 25% do PSD em orgias de coligações e da insignificância dos

partidos emergentes e fraca comparsa dos repetentes de franja.

Quando mergulhamos na eira cacicada do concelho, constatamos que o foco nas personalidades e no esbater das siglas e cores do PSD deu resultados e que a escolha avocada do candidato e posicionamento das damas do honor não poderia ser pior. O vazio foi e é confrangedor e a incapacidade de mexer a cortina para a realidade é doentia. A arena concelhia está bem domada, os gastos de campanha foram irresponsavelmente elevados, mas as redes e tentáculos estão oleados. Igualmente percebemos que as sondagens, ora são encomendadas a preceito para defender as erradas escolhas, ora os centros se enganam e desta vez tudo foi verdade.

Se migrarmos do país virtual para o real, as práticas burocráticas

impostas pelas câmaras em sede da AMP para o regime de regulação dos passes familiares, é de um tamanho absurdo que só resta aos utilizadores um calvário anual ou desistência – como aliás esperam os autarcas.

Todos os anos a renovação da assinatura é uma nova emissão. A par das mais de dez folhas de impressos preenchidos com os mesmos dados e sem garantia de proteção dos mesmos - quando nos vendem a simplificação/desmaterialização e desburocratização – o utilizador é empurrado para uma espiral de tempos idos e de encenação atual de exigência doentia. O resto é resto e a miséria dispara.

*Urbanista e Mestre em Gestão Pública